

QUEDA ACUMULADA DO PIB DO AGRONEGÓCIO CHEGA A 4,28% DE JANEIRO A SETEMBRO

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), recuou novamente no terceiro trimestre de 2022, 2,08%. Desse modo, a queda do PIB acumulada de janeiro a setembro do ano chegou a 4,28% (Tabelas 1 e 2). Como visto nos relatórios anteriores, essa redução do PIB reflete sobretudo a forte alta dos custos com insumos no setor, tanto na agropecuária quanto nas agroindústrias, que tem superado os ganhos em valor bruto da produção.

No terceiro trimestre do ano, diferentemente do trimestre anterior, os comportamentos foram opostos entre os ramos do agronegócio. No ramo agrícola, em que a pressão de custos tem se mostrado mais acentuada, o comportamento baixista observado ao longo do ano se manteve no trimestre de julho a setembro, com queda de 3,25% no PIB. Essa queda refletiu também uma piora nos preços agrícolas ao longo do trimestre, na comparação com os patamares de 2021. Houve reduções do PIB dentro da porteira (7,48%), na agroindústria (1,01%) e nos agrosserviços (3,15%) – ver Tabela 2.

Já o PIB do ramo pecuário cresceu no terceiro trimestre, 1,23%. Nesse caso, apenas o PIB dos insumos recuou (3,10%), com altas para a pecuária dentro da porteira (3,51%), para a agroindústria (0,16%) e para os agrosserviços (0,39%), conforme dados da Tabela 2. Para o segmento primário pecuário, o bom resultado no trimestre refletiu especialmente o aumento da produção no terceiro trimestre.

Conforme mostra a Tabela 1, considerando-se os desempenhos nos três primeiros trimestres do ano, o PIB no acumulado de janeiro a setembro apresentou queda importante no ramo agrícola (5,69%) e modesta redução no ramo pecuário (0,24%); pela perspectiva dos segmentos, apenas o PIB dos insumos cresceu no período (25,33%), com reduções acumuladas nos segmentos primário (11,93%), agroindustrial (0,79%) e de agrosserviços (5,17%).

Tabela 1. PIB do Agronegócio: Taxa de variação acumulada no período (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	25,33	-11,93	-0,79	-5,17	-4,28
Ramo agrícola	37,79	-20,08	-0,30	-5,79	-5,69
Ramo pecuário	-5,51	5,74	-2,87	-3,32	-0,24

Fonte: Cepea/USP e CNA

Tabela 2. PIB do Agronegócio: Taxa de variação trimestral (%)

	Insumos	Primário	Agroindústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	2,78	-3,74	-0,80	-2,27	-2,08
Ramo agrícola	5,16	-7,48	-1,01	-3,15	-3,25
Ramo pecuário	-3,10	3,51	0,16	0,39	1,23

Fonte: Cepea/USP e CNA

Na análise do período de janeiro a setembro, o resultado negativo do PIB do **ramo agrícola** decorreu especialmente da forte alta dos custos com insumos para a produção agrícola (dentro da porteira) – notar o importante crescimento do PIB dos insumos agrícolas (37,79%),

que decorreu sobretudo dos maiores preços dos fertilizantes e dos defensivos. Ademais, o PIB do segmento primário agrícola foi pressionado negativamente pelas menores safras de soja e cana-de-açúcar, produtos de alta relevância na formação do PIB. No caso da agroindústria de base vegetal, a modesta queda do PIB no período (0,30%) também reflete o avanço dos custos (das matérias-primas agrícolas e de outros custos industriais) de forma mais intensa que o avanço do valor da produção. Além disso, o PIB agroindustrial também tem sido pressionado negativamente pela redução da produção (frente à do ano passado) em setores relevantes – como as indústrias de base florestal (produtos de madeira, móveis de madeira e papel), têxtil-vestuarista e açucareira. Por sua vez, esse estreitamento das margens nos segmentos a montante, aliado às menores produções em setores agrícolas e industriais relevantes, explica a queda do PIB dos agrosserviços do ramo de janeiro a setembro (5,79%).

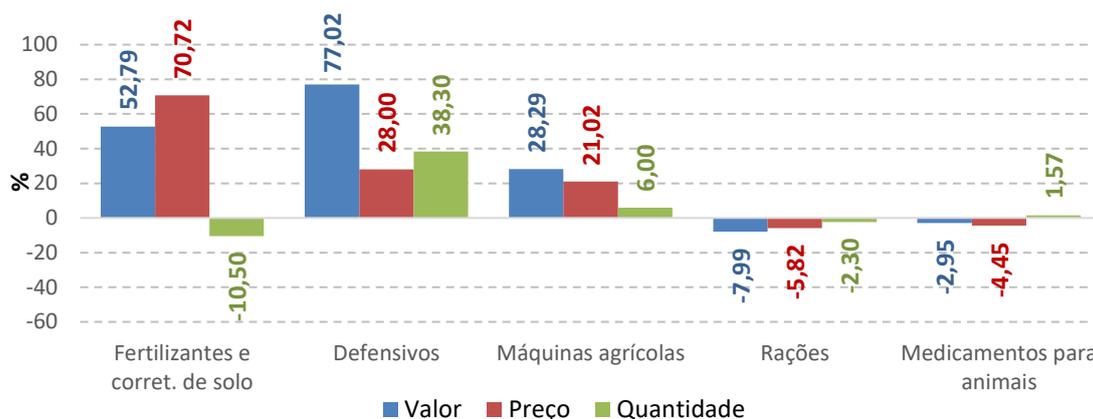
Ainda sobre o resultado acumulado do período, mesmo com o avanço no terceiro trimestre, o PIB do **ramo pecuário** apresentou leve queda (0,24%), com reduções para todos os segmentos, exceto o primário. No segmento primário pecuário, a alta de 5,74% do PIB reflete algum aumento do valor bruto da produção, devido à maior produção e aos preços levemente maiores frente a 2021, somado à redução dos custos com insumos; nesse último caso, em relação ao patamar expressivamente elevado alcançado em 2021. A redução de preços de rações e medicamentos, ao passo que tem favorecido o PIB primário pecuário, também explica a queda do PIB do segmento de insumos do ramo, de 5,51% de janeiro a setembro. A retração do PIB da agroindústria da pecuária (2,87%) reflete o aumento dos custos industriais a taxas superiores às do crescimento esperado para o faturamento, como já mencionado. Isso provavelmente decorre de uma demanda por proteínas ainda enfraquecida no Brasil, o que dificulta o repasse pela indústria desse aumento dos custos. As quedas na agroindústria e nos insumos, por sua vez, pressionaram também o PIB dos agrosserviços, que recuou 3,32% no período.

É importante ressaltar que tal retração se verifica frente ao patamar recorde de PIB alcançado em 2021. Considerando-se os desempenhos parciais da economia brasileira e do agronegócio, estima-se que a participação do setor no total fique em por volta de 25% em 2022, pouco abaixo dos 27% registrados em 2021.

SEGMENTO DE INSUMOS: desempenho das indústrias de insumos agrícolas garante o crescimento do segmento em 2022

Considerando os dados coletados até setembro, o PIB do segmento de insumos do agronegócio cresceu 25,33% em 2022. O desempenho do segmento foi impulsionado pelas atividades que compõem o ramo agrícola – o PIB dos insumos agrícolas avançou 37,79%, ao passo que o dos insumos pecuários apresentou retração de 5,51% (Tabela 1). A Figura 1 apresenta o comportamento esperado anual do faturamento, dos preços reais e do volume produzido em cada atividade.

Figura 1. Insumos: variação (%) anual de volume, dos preços e do faturamento – 2022/2021 com informações até setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, IEA, Anda e Sindirações)

Para a indústria de fertilizantes e corretivos do solo é esperado crescimento importante do faturamento anual (52,79%), como efeito direto da alta dos preços reais na comparação entre períodos iguais (70,72%), isto é, de janeiro a setembro de 2022 frente ao mesmo período de 2021. Por sua vez, espera-se que haja uma redução da produção anual desta indústria (-10,50%). Esta dinâmica reflete diretamente as crises geopolíticas que promoveram a escassez da oferta de matéria-prima ao longo do ano e, conseqüentemente, impulsionaram os custos de produção da agricultura. Deve-se ressaltar, no entanto, que embora em maior patamar frente a 2021, os preços de fertilizantes têm apresentado reduções mensais ao longo sobretudo do segundo semestre.

A indústria de defensivos se destaca entre as atividades do segmento, haja vista a projeção de crescimento do faturamento para este ano (77,02%). Este resultado reflete a conjunção de aumento dos preços reais (28,00%) na comparação entre períodos iguais e de crescimento esperado da produção anual (38,30%). A alta dos preços dos insumos está atrelada à redução da oferta de matéria-prima. O crescimento esperado para a produção, por sua vez, está atrelado ao aumento da área tratada por defensivos, que, de acordo com o Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para Defesa Vegetal (Sindiveg), tem sido promovido pelos desafios fitossanitários enfrentados pelos produtores.

Quanto à indústria de máquinas agrícolas, é esperado crescimento do faturamento anual (28,29%), promovido pela alta dos preços reais na comparação entre períodos (21,02%) e pelo aumento da produção esperado para este ano (6,00%). De acordo com a Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), o mercado de máquinas agrícolas segue aquecido, com desempenho superior ao período que antecede o advento da pandemia. No entanto, a entidade chama a atenção para a falta de recursos subsidiados pelas linhas do Plano Safra como um ponto de atenção para os próximos meses.

As atividades da indústria de insumos de base pecuária apresentaram desempenho negativo. No caso da indústria de rações, é esperada a redução do faturamento (-7,99%) devido à redução dos preços reais (-5,82%), considerando a comparação entre períodos iguais, e a redução esperada da produção anual (-2,30%). Ainda assim, os preços das rações permanecem consideravelmente altos – quando comparados os níveis de preços em termos nominais, verifica-se sutil aumento. Segundo o Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal (Sindirações), a indústria vivenciou um desaquecimento da demanda por parte da pecuária, especialmente ovos e leite.

Em geral, o comportamento das atividades que compõem o segmento de insumos está diretamente relacionado ao desempenho observado para as atividades do setor primário, que

será apresentado a seguir. De um lado, a alta dos preços reais dos insumos agrícolas impulsiona os custos de produção com os quais se defrontam os agricultores. Por outro lado, a redução dos preços reais dos insumos pecuários representa um alívio para os pecuaristas.

SEGMENTO PRIMÁRIO: agricultura recua, mas pecuária cresce no acumulado de janeiro a setembro

Com o recuo de 3,74% no terceiro trimestre, o PIB do segmento primário do agronegócio acumulou queda de expressivos 11,93% de janeiro a setembro. Seja no trimestre ou na parcial do ano, os comportamentos são opostos entre os ramos, com recuo na agricultura e crescimento na pecuária. Especificamente, o PIB primário agrícola reduziu 7,48% no terceiro trimestre, acumulando queda de 20,08% até setembro; já o PIB primário pecuário cresceu 3,51% no terceiro trimestre e 5,74% nos nove primeiros meses do ano (Tabelas 1 e 2).

Na agricultura, assim como vem sendo destacado nos relatórios anteriores, a retração do PIB decorre principalmente da forte alta dos custos com insumos, como fertilizantes, defensivos, combustíveis, sementes e outros. O avanço dos custos está superando em grande medida o crescimento estimado do faturamento (ou valor bruto da produção), implicando queda estimada no PIB. Especificamente, considerando-se a média ponderada das diversas culturas acompanhadas, espera-se aumento real de 9,52% do faturamento anual agrícola, com preços médios 8,4% maiores frente ao mesmo período de 2021 e aumento esperado de 1,04% na produção. Já para o custo com insumos, estima-se aumento expressivo de 53,3%.

Ademais, o PIB agrícola também segue pressionado pela redução da produção em culturas importantes, especialmente soja e cana-de-açúcar. Além dessas duas atividades, que detêm peso expressivo no PIB, estima-se menor produção no ano para o arroz, a batata, o fumo, a mandioca, o tomate, a uva e a madeira em tora. Ainda, ressalta-se que, frente às expectativas do relatório anterior, houve piora no comportamento dos preços agrícolas: a média do ano, em relação à do mesmo período do ano passado, piorou sobretudo para algodão, milho, café, cana e tomate.

Já no ramo pecuário, houve melhora nas expectativas frente ao relatório anterior, puxada pelo avanço da produção, principalmente de boi gordo. Para esse segmento, espera-se aumento do faturamento (2,48%) e queda do custo com insumos (-4,6%) para o ano. Considerando a média ponderada das atividades acompanhadas, o preço aumentou apenas 0,9% entre os primeiros nove meses de 2021 e 2022 – acomodando-se após registrar elevações expressivas desde 2019 – e a produção aumentou 1,57%. Os preços foram impulsionados pelos comportamentos para frango (corte e ovos) e leite, frente à forte desvalorização para os suínos.

As Figuras 2 e 3 e a Tabela 3 detalham os resultados específicos do segmento por atividades agrícolas e pecuárias. Entre as culturas do segmento primário agrícola acompanhadas pelo Cepea, espera-se crescimento do faturamento em 2022 para: algodão, banana, batata, café, cana-de-açúcar, feijão, laranja, mandioca, milho, tomate, trigo, uva, lenha e carvão, madeira em tora e madeira para celulose. Já as culturas para as quais se espera queda no faturamento são: arroz, cacau, fumo e soja.

Na cultura do café, o aumento esperado no faturamento é de 56,44%, impulsionado pela alta de 48,21% nos preços reais, na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e de 2022, e pela produção anual esperada 5,55% maior. Segundo a Conab, a expansão da produção se deve às melhores produtividades alcançadas – especialmente, pelo café conilon – e ao aumento discreto da área em produção – aquém do que era esperado inicialmente pela instituição. De acordo com a Companhia, a influência da bialidade positiva não se confirmou na atual safra e as intempéries climáticas registradas na safra 2021, com prolongados períodos de estiagem e geadas em algumas localidades, continuaram a influenciar negativamente a safra 2022. Com relação aos preços, a equipe Café/Cepea evidencia a expressiva valorização logo nas primeiras semanas de 2022, como reflexo dos ganhos dos contratos futuros da variedade. Estes ganhos externos, por sua vez, foram influenciados pela queda dos estoques certificados da Bolsa

de Nova Iorque – que registraram os volumes mais baixos desde 2000 –, pela estimativa de baixa produção para a safra 2022-2023 e pelo consumo aquecido. Entretanto, as cotações recuaram com força, especialmente em março, com o início do conflito entre a Ucrânia e a Rússia. Ao longo do segundo trimestre de 2022, houve alguma recuperação dos preços, impulsionados pela desvalorização do Real ante o dólar, pela perspectiva da quebra na safra 2022-2023 brasileira (que começou a ser colhida entre o fim de maio e o começo de junho) e pela aproximação do inverno brasileiro, que trazia a possibilidade de ocorrência de geadas. Mesmo com essa recuperação, o preço médio do segundo trimestre se manteve 10% abaixo do valor médio do primeiro trimestre do ano. No terceiro trimestre do corrente ano, as cotações do café se desvalorizaram, influenciadas pelo clima favorável às lavouras brasileiras e por questões econômicas mundiais – as elevações da inflação e dos juros nos Estados Unidos e na Europa e a consequente expectativa de redução do consumo da bebida reforçaram o movimento de desvalorização do café no Brasil no período.

Para o trigo, as elevações dos preços na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e de 2022 (14,19%) e da produção esperada do ano (23,72%) explicam a projeção de crescimento do faturamento (41,28%). De acordo com a Conab, estimativas apontam para uma safra recorde nacional, reflexo das expectativas de maior área destinada à cultura e de maior produtividade. Contudo, condições climáticas adversas têm impactado a produtividade e a qualidade do grão. Com relação aos preços, a equipe Trigo/Cepea aponta que, desde o início da pandemia, os valores do grão apresentam tendência de alta nos mercados doméstico e internacional em decorrência da redução dos estoques mundiais. Como esperado, isso atraiu os produtores brasileiros para a cultura, resultando em oferta recorde em 2021 no País. Apesar disso, os preços domésticos continuaram elevados ao longo de 2022. No primeiro trimestre, os valores foram impulsionados pelo bom desempenho das exportações e pelos preços internacionais, que inclusive atingiram patamares recordes nas bolsas de futuros norte-americanas em decorrência da guerra entre Rússia e Ucrânia. No segundo trimestre, o preço doméstico do trigo atingiu recordes da série do Cepea iniciada em 2004, influenciado pelas valorizações externas e pela baixa disponibilidade no mercado *spot*. Ao longo do terceiro trimestre, houve desvalorização das cotações do cereal, influenciadas por expectativas de produção recorde no País, pela entrada da safra 2022/2023 e pelo acordo para exportação de grãos por meio do Mar Negro. Especificamente em setembro, déficits hídricos na Argentina e nos Estados Unidos e o acirramento do conflito entre a Rússia e a Ucrânia impulsionaram os preços internacionais.

Com relação à cultura do algodão, o crescimento do faturamento anual esperado (38,98%) também é reflexo dos maiores preços reais (28,61%), na comparação entre períodos iguais, e da maior produção esperada para 2022 (8,06%). Segundo a Conab, o crescimento da produção deve refletir os avanços da área, uma vez que se espera uma queda da produtividade. Para a equipe Algodão/Cepea, o avanço na área foi impulsionado pelos preços da pluma, que estão em movimento de alta desde meados de 2020, e pela possibilidade de plantio na janela ideal para a cultura este ano, o que gerou expectativa de boa rentabilidade. Quanto à produtividade, a Conab aponta que fatores climáticos desfavoráveis afetaram a produção em algumas regiões importantes, como Mato Grosso, Goiás e Bahia. Com relação aos preços da pluma, no primeiro trimestre de 2022, esses atingiram recordes diários consecutivos no Brasil. De acordo com a equipe do Cepea, isso se deveu à elevação dos preços do petróleo, à menor disponibilidade do algodão no Brasil e à firme demanda internacional, que se recuperou de forma relativamente rápida da pandemia e atingiu níveis próximos aos máximos históricos. Nos meses de abril e maio, o preço do algodão em pluma esteve predominantemente em alta, chegando a renovar o recorde nominal da série histórica por diversos momentos. A sustentação veio sobretudo dos avanços externos, da desvalorização do Real frente ao dólar, da elevação na paridade de exportação e da posição firme de vendedores – que seguiram atentos às lavouras da próxima temporada. Já ao longo de junho, as cotações externas e internas caíram, dado o cenário inflacionário e as perspectivas de recessão econômica mundial. No terceiro trimestre de

2022, o preço do algodão foi pressionado pela flexibilidade de alguns vendedores, diante dos menores preços internacionais e da paridade de exportação. O movimento de queda foi reforçado pela demanda enfraquecida, tendo em vista que indústrias nacionais utilizaram estoques e/ou a pluma recebida por meio de contratos – ressalta-se que algumas fábricas ainda estavam trabalhando com capacidade reduzida e/ou com dificuldade de vendas de alguns produtos manufaturados. Na Bolsa de Nova York (ICE Futures), os vencimentos se desvalorizaram, influenciados por estimativas indicando maior oferta norte-americana, pelo aumento dos juros nos Estados Unidos, por preocupações com uma recessão mundial e por possíveis impactos desse contexto sobre a demanda. No Brasil, com o avanço da colheita, do beneficiamento e da classificação dos lotes, produtores priorizaram o cumprimento dos contratos a termo em detrimento dos negócios no *spot*, influenciados por incertezas quanto à produtividade da safra 2021/2022 em algumas regiões.

No caso da banana, os maiores preços (32,37%) na comparação entre períodos iguais e a leve expansão esperada da produção anual (0,97%) explicam a elevação projetada para o faturamento real (33,65%). De acordo com a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre de 2022, a alta dos preços no mercado doméstico foi consequência da queda na oferta, decorrente das adversidades climáticas no fim de 2021. Nos meses de abril e maio, as cotações foram pressionadas pelo aumento da oferta da fruta em algumas regiões produtoras e por vendas menos intensas, influenciadas pelo clima mais frio, em maio. Em junho, os preços subiram, devido à limitada oferta nacional, diante do clima mais frio. No terceiro trimestre, o preço médio de comercialização da fruta subiu devido à baixa oferta – relacionada aos entraves climáticos (estiagem nas regiões Sul e Sudeste) e aos menores investimentos em tratamentos culturais (dado o elevado custo).

Para a batata, os maiores preços reais (34,27%) na comparação entre períodos iguais explicam o aumento projetado para o faturamento real, de 30,66%. Para a produção, espera-se queda de 2,69%. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, de janeiro a março, houve acentuada alta nas cotações da batata. Nesse ano, o aumento superou o que se esperava em termos sazonais, devido a intempéries climáticas. No segundo trimestre, os preços domésticos subiram novamente, influenciados pela redução de área na safra do período, por chuvas e pelo calor no Sudeste e no Nordeste, que prejudicaram a produtividade. No terceiro trimestre, conforme esperado, o preço médio de comercialização da batata caiu, influenciado pelo aumento da oferta, por conta da concentração da colheita da safra de inverno.

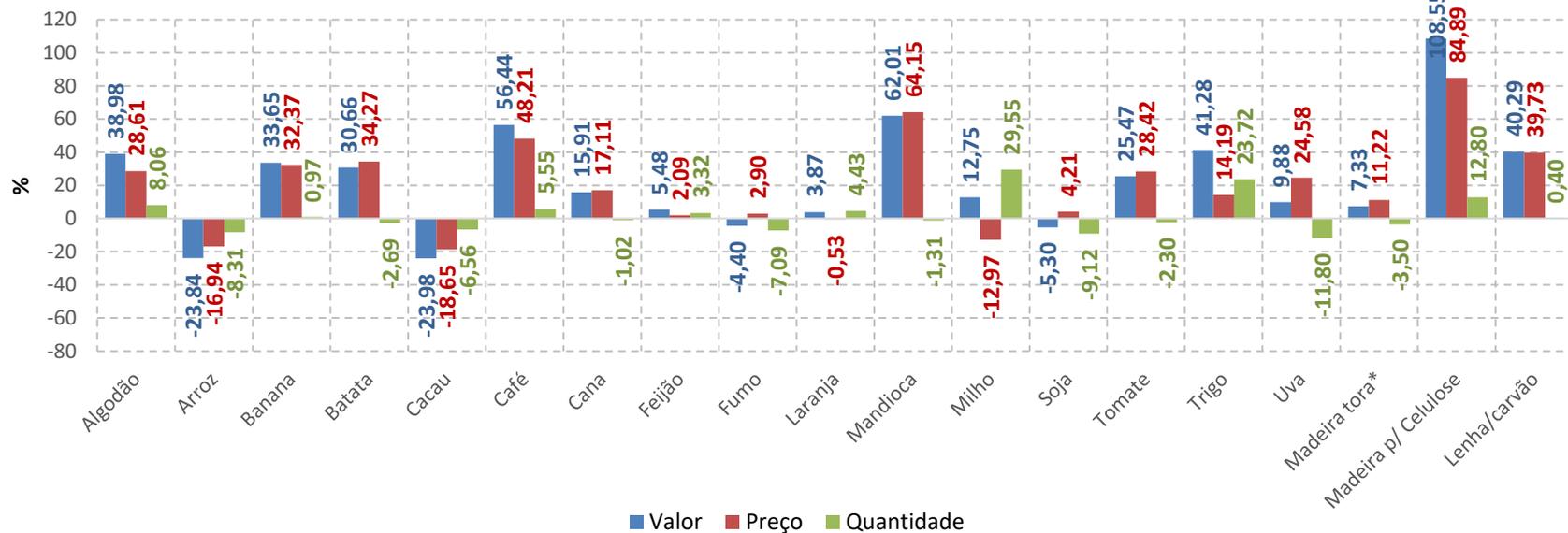
No caso do tomate, a expansão de 25,47% esperada no faturamento é resultado dos preços reais 28,42% maiores, na comparação entre períodos iguais, uma vez que se projeta redução de 2,30% na produção anual. Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, o preço do tomate está em patamares atrativos ao produtor desde o início da safra de verão 2021/22 (em novembro), devido à redução da área cultivada nesse período – que já havia diminuído nos últimos anos. Somada a este fator, a quebra de produção no Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste em função das chuvas manteve a oferta controlada no primeiro bimestre do ano. Em março e em abril, a proximidade do final da safra de verão e o início lento da temporada de inverno mantiveram a oferta controlada. A partir de maio, a intensificação da colheita da safra de inverno e a demanda enfraquecida pressionaram a cotação do tomate. Em julho, a maior disponibilidade foi reflexo das temperaturas mais elevadas durante o mês, o que é atípico para o período e acabou acelerando a maturação dos tomates, sobretudo no Sudeste. Em agosto, a oferta de tomates seguiu elevada, visto que as temperaturas mais baixas em maio atrasaram o ciclo das plantas cultivadas naquela época, o que acabou concentrando a colheita em agosto. Além disso, a produtividade, que no início da temporada estava até mais baixa que a de anos anteriores, foi ainda menor. Assim, os preços recuaram em agosto. Em setembro, apesar de algumas regiões terem passado do pico de safra, a oferta da primeira parte da temporada de inverno ainda foi bastante expressiva, reflexo do ganho de produtividade devido às melhores condições climáticas. Esse cenário, somado à maior entrada de tomates rasteiros no mercado,

principalmente nos atacados do Sudeste, manteve a oferta elevada, limitando altas mais expressivas dos preços.

No caso da cana-de-açúcar, os maiores preços reais (17,11%), na comparação entre os primeiros nove meses de 2022 frente ao mesmo período de 2021, explicam o crescimento do faturamento esperado para 2022 (15,91%). Para a produção, espera-se uma ligeira queda de 1,02%, que, segundo a Conab, é reflexo da diminuição da área em produção de cana-de-açúcar no País, aliada às perdas do potencial produtivo devido a oscilações climáticas. Em relação aos preços, a valorização para a cana resulta do comportamento altista para os subprodutos, açúcar e etanol, como será discutido na seção deste relatório sobre a agroindústria.

No que se refere ao milho, o maior faturamento esperado (12,75%) se deve ao crescimento de 29,55% esperado para a produção anual, visto a queda de 12,97% nos preços reais, na comparação entre períodos. Segundo a Conab, a expectativa de aumento da produção reflete o maior volume esperado para a segunda safra, dada a estabilidade observada na safra de verão, devido às quebras no Sul do País e em Mato Grosso do Sul. De acordo com a equipe Milho/Cepea, o preço do milho oscilou ao longo do primeiro trimestre, influenciado ora pela estimativa de menor produção da safra de verão e ora pela expectativa de maior disponibilidade na segunda safra. A partir de fevereiro, a guerra da Rússia contra a Ucrânia e as estimativas de menor oferta na Argentina impulsionaram os preços internacionais e no Brasil. Após atingir patamares recordes em março, o preço caiu de abril em diante, influenciado primeiramente pela proximidade da colheita da segunda safra com estimativas indicando oferta recorde e, depois, pelo avanço dessa colheita. Entretanto, os diversos problemas climáticos registrados no Hemisfério Norte e as restrições de exportações da Ucrânia (responsável por mais de 15% das exportações mundiais entre 2018/2019 e 2021/2022) reduziram a oferta mundial, elevando os preços externos. Esse cenário, atrelado à desvalorização do Real frente ao dólar, impulsionou a paridade de exportação e limitou a pressão sobre os preços internos do milho.

Figura 2. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento – 2022/2021 com informações de setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Udop)

Para a laranja, a projeção de maior faturamento (3,87%) é reflexo do crescimento da produção esperada para 2022 (4,43%), visto que as cotações do produto na comparação entre períodos apresentaram leve queda real (-0,53%). Segundo a equipe Hortifrúti/Cepea, no primeiro trimestre do ano houve avanço nos preços em decorrência, sobretudo, da reduzida oferta de frutas naquele período, resultado da baixa produção na safra 2021-2022 em decorrência do clima seco. Já no segundo trimestre, houve uma redução das cotações, diante do início da colheita das variedades precoces e da limitação do consumo diante de temperaturas mais baixas. No terceiro trimestre de 2022, o preço da laranja se recuperou, como usualmente ocorre para essa época – a demanda de indústria por frutas também aumenta, o que controla a oferta no mercado *in natura*.

Tabela 3. Agricultura: Variação (%) anual do volume, dos preços e do faturamento – 2022/2021 com informações de setembro

	Valor	Preço	Quantidade
Algodão	38,98	28,61	8,06
Arroz	-23,84	-16,94	-8,31
Banana	33,65	32,37	0,97
Batata	30,66	34,27	-2,69
Cacau	-23,98	-18,65	-6,56
Café	56,44	48,21	5,55
Cana	15,91	17,11	-1,02
Feijão	5,48	2,09	3,32
Fumo	-4,40	2,90	-7,09
Laranja	3,87	-0,53	4,43
Mandioca	62,01	64,15	-1,31
Milho	12,75	-12,97	29,55
Soja	-5,30	4,21	-9,12
Tomate	25,47	28,42	-2,30
Trigo	41,28	14,19	23,72
Uva	9,88	24,58	-11,80
Madeira tora*	7,33	11,22	-3,50
Madeira p/ Celulose	108,55	84,89	12,80
Lenha/carvão	40,29	39,73	0,40

Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, Cepea, Seagri/BA, Epagri, Udop)

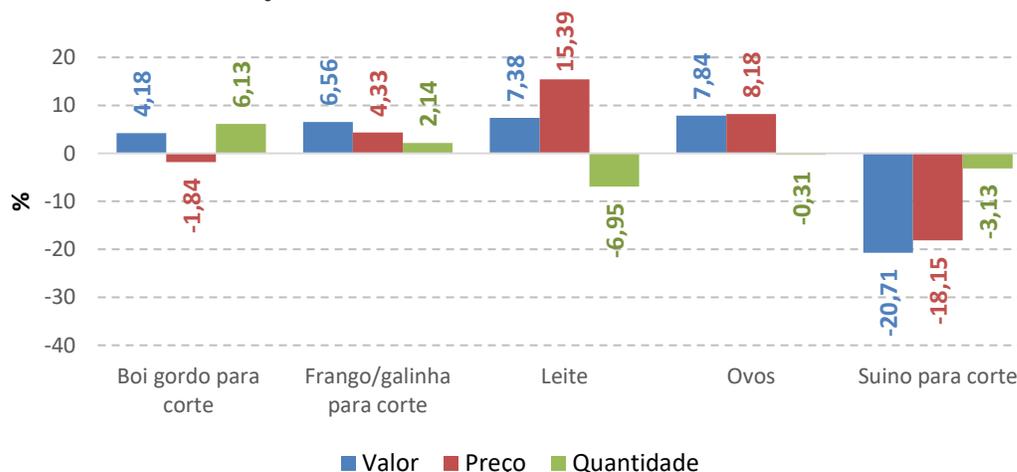
Entre as culturas para quais se espera queda anual do faturamento, tem-se a soja. A diminuição esperada de 5,30% resulta da produção 9,12% menor, visto os preços reais 4,21% maiores na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e de 2022. De acordo com a Conab, a colheita da safra 2021/22 da soja foi finalizada em junho, com a queda na produção atrelada à menor produtividade. A estimativa inicial da instituição era de uma produção recorde, mas a influência do fenômeno La Niña na região Sul e em Mato Grosso do Sul, com drástica redução das precipitações, foi determinante para a retração da produtividade nessas regiões, e conseqüentemente, da produção total de soja no País. As outras regiões produtoras nacionais conseguiram produtividades superiores às obtidas na última safra. Ressalta-se que os resultados da atual safra são próximos aos da temporada 2019/20 – sendo

a terceira maior produção da história. Com relação aos preços, a equipe Soja/Cepea evidencia que as cotações tiveram alta no mercado brasileiro no primeiro trimestre de 2022, atingindo os maiores patamares nominais da série histórica do Cepea, iniciada em 1997. Os preços foram influenciados pelas demandas doméstica e internacional aquecidas, pela menor oferta na América do Sul, pelas valorizações do petróleo e pelas elevações das tarifas de exportação impostas pelo governo argentino. No geral, com o cenário de grãos influenciado também pela menor oferta global de óleo, aumentando por consequência a demanda pelo óleo de soja brasileiro, a disputa entre as indústrias domésticas e os consumidores internacionais só não foi mais acirrada porque a mistura de biodiesel no óleo diesel esteve reduzida a 10% e os setores de proteína animal sinalizaram dificuldades na absorção de alta nos custos de produção. No segundo trimestre, o maior excedente da safra 2021/22 nos Estados Unidos, a baixa demanda externa pelo grão brasileiro e o enfraquecimento dos prêmios de exportação afastaram os consumidores das aquisições envolvendo grandes lotes, resultando em baixa nos preços do grão. Entre o segundo e o terceiro trimestres de 2022, a desvalorização do petróleo e preocupações com uma possível recessão mundial, que reduziram a demanda externa pela oleaginosa brasileira, pressionaram parcialmente os preços da soja.

No caso do arroz, a queda do faturamento esperada (-23,84%) esteve atrelada à redução na produção do ano (-8,31%) e às menores cotações (-16,94%), na comparação entre períodos iguais. Segundo a Conab, a colheita do arroz na temporada 2021/22 já foi finalizada, com retrações de 3,6% na área, especialmente no arroz de sequeiro (atualmente, 20% da produção total), e de 4,9% na produtividade. De modo geral, os principais estados produtores sofreram com adversidades climáticas – estiagem no Centro-Sul do País e excesso de chuvas no Norte e algumas localidades do Nordeste. Conforme a equipe Arroz/Cepea, o maior ritmo de exportação a partir do segundo semestre de 2021 e as estimativas indicando menor oferta sul-rio-grandense diante do clima seco e quente no estado fizeram com que os preços do arroz subissem no primeiro trimestre de 2022. No segundo trimestre, as cotações continuaram em movimento de alta, influenciadas pela demanda externa. Mesmo assim, os preços médios do primeiro semestre de 2022 ainda ficaram bem abaixo frente ao mesmo período de 2021, em que picos foram alcançados. Entre o segundo e o terceiro trimestres de 2022, as cotações do arroz em casca avançaram novamente, influenciadas pelas demandas externa e interna.

Na Figura 3 são apresentadas as dinâmicas observadas para o segmento “dentro da porteira” do ramo da pecuária. Considerando os dados coletados entre janeiro e setembro, é esperado crescimento do faturamento das atividades relacionada a bovinos (para corte e leiteira) e avicultura (para corte e para postura). Na contramão, para a suinocultura é esperada a queda do faturamento anual da atividade.

Figura 3. Pecuária: Variação anual estimada do volume, dos preços e do faturamento 2022/2021 com informações de setembro



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE)

Para a bovinocultura para corte, é esperado aumento de 4,18% do faturamento, impulsionado pelo crescimento esperado da produção anual de 6,13%. Na comparação entre períodos iguais, houve recuo de 1,84% dos preços reais. Conforme relata a equipe Boi/Cepea, os elementos que promoveram a elevação dos preços da arroba do boi gordo nos últimos anos – restrição de oferta no campo e bom desempenho das exportações – não têm sido suficientes para assegurar novos avanços. A tendência baixista dos preços do boi gordo está relacionada ao enfraquecimento da demanda doméstica, que, por sua vez, se atribui ao acirramento da restrição orçamentária de parcela considerável da população, na esteira da pressão inflacionária. Com isso, os frigoríficos têm limitado as compras de novos lotes de animais para abate. Esta queda não foi mais intensa devido aos ritmos intensos dos embarques de carne bovina ao exterior, que registrou recordes (de volume e receita de exportações) ao longo do terceiro trimestre. Ademais, conforme a Secex, de janeiro a setembro foram exportadas 1,5 milhão de toneladas de carne bovina. Esse desempenho se deve à alta competitividade da carne brasileira e a dependência do mercado chinês pelo produto nacional.

Quanto à bovinocultura leiteira, o crescimento esperado é de 7,38% para o faturamento anual da atividade. Neste caso, impulsionado pelo avanço de 15,39% dos preços reais na comparação entre períodos iguais, haja vista a redução esperada de 6,95% para a produção anual. De acordo com a equipe Leite/Cepea, em julho e agosto, os preços reais do leite pago ao produtor registraram consecutivos recordes da série histórica do Cepea. Nesses meses, o alto patamar esteve atrelado à oferta limitada de leite no campo – que fora intensificada durante o período da entressafra, pela seca mais intensa e demais mudanças estruturais no campo, atreladas ao nível de investimentos na atividade e de custos de produção. Todavia, a dificuldade de a indústria de lácteos sustentar os altos patamares de preços dos derivados nas gôndolas de supermercados, diante do enfraquecimento da demanda final, gerou reversão na tendência altista (que se observou entre fevereiro e agosto), diante da pressão por preços mais baixos. Assim, em setembro, o preço do leite pago ao produtor recuou em relação a agosto. Além da pressão pela redução dos preços dos lácteos, que se estende por toda a cadeia, o aumento expressivo das importações de lácteos

apaziguou a disputa por matéria-prima pela indústria e, com isso, se refletiu sobre o preço do leite pago ao produtor em setembro.

Para a avicultura para corte, a projeção indica aumento de 6,56% do faturamento anual, impulsionado pelo avanço de 4,33% dos preços reais, na comparação entre períodos iguais, e pelo crescimento anual esperado de 2,14% da produção. Com exceção de agosto, quando o preço médio mensal do frango vivo avançou frente ao mês anterior devido à redução da oferta de animais, tem havido queda na série de preços desde abril deste ano. Este comportamento reflete o alto volume ofertado, que se percebe também nos preços da carne avícola – o que suscitou, por parte do setor, a estratégia de redução dos preços da carne a fim de estimular a redução dos níveis de estoques do mercado doméstico. No mercado externo, conforme dados da Secex, o volume acumulado exportado entre janeiro e julho registrou recorde na série histórica iniciada em 1997, o que ajuda a sustentar a valorização do preço da carne. Ainda assim, no acumulado do ano, os preços médios do frango vivo estão acima do patamar observado no mesmo período de 2021, o que reflete a preferência pelo consumo de carne avícola (mais barata em relação aos demais proteínas cárneas) em um contexto de enfraquecimento do poder de compra.

Em relação à avicultura de postura, a projeção indica aumento de 7,84% do faturamento anual da atividade. O resultado reflete o avanço de 8,18% dos preços reais na comparação entre períodos, uma vez que é esperada ligeira redução de 0,31% da produção anual. Seguindo a lógica da carne de frango, os preços dos ovos comerciais apresentaram elevação devido ao aquecimento da demanda, frente ao encarecimento das proteínas cárneas e o poder de compra comprometido por parcela da população.

Por fim, para a suinocultura é esperada queda de 20,71% do faturamento anual, como resultado do recuo de 18,15% dos preços reais na comparação entre períodos e de 3,13% na produção esperada para este ano. Apesar deste resultado, desde março os preços do animal vivo apresentam uma tendência altista, em termos nominais. Essa tendência se deveu às vendas aquecidas da carne suína. Contudo, a partir de setembro, devido à retração do poder de compra do consumidor final e conseqüente redução da procura pela proteína, essa tendência foi revertida. Os frigoríficos limitaram a demanda por novos lotes de animais para abate, o que culminou em um cenário de baixa liquidez. Em relação às exportações, de acordo com a Secex, em agosto foi registrado recorde do volume de exportações da série histórica (114,7 mil toneladas de carne suína). Em setembro, a despeito da redução frente a agosto, a procura pela proteína suína brasileira se manteve aquecida no mercado internacional, influenciado pelas comemorações tradicionais da China, principal parceiro comercial do Brasil.

SEGMENTO INDUSTRIAL: agroindústria mantém queda modesta no acumulado de janeiro a setembro

O PIB da agroindústria brasileira registrou leve queda de 0,8% no terceiro trimestre, contribuindo para a redução de 0,79% no acumulado de janeiro a setembro (Tabelas 1 e 2). Para a indústria de base agrícola, houve recuo de 1,01% no trimestre e de 0,30% no período. Para a de base pecuária, o PIB se manteve praticamente estável no trimestre de julho a setembro, com leve alta de 0,16%; todavia, essa alta foi insuficiente para compensar as quedas anteriores, e o PIB do segmento recuou 2,87% nos nove primeiros meses de 2022.

Como visto nos relatórios anteriores, seja no processamento agrícola ou no pecuário, ressalta-se que os custos industriais devem avançar a taxas superiores às do crescimento esperado para o faturamento, o que explica as quedas de PIB na parcial do ano. Além dos

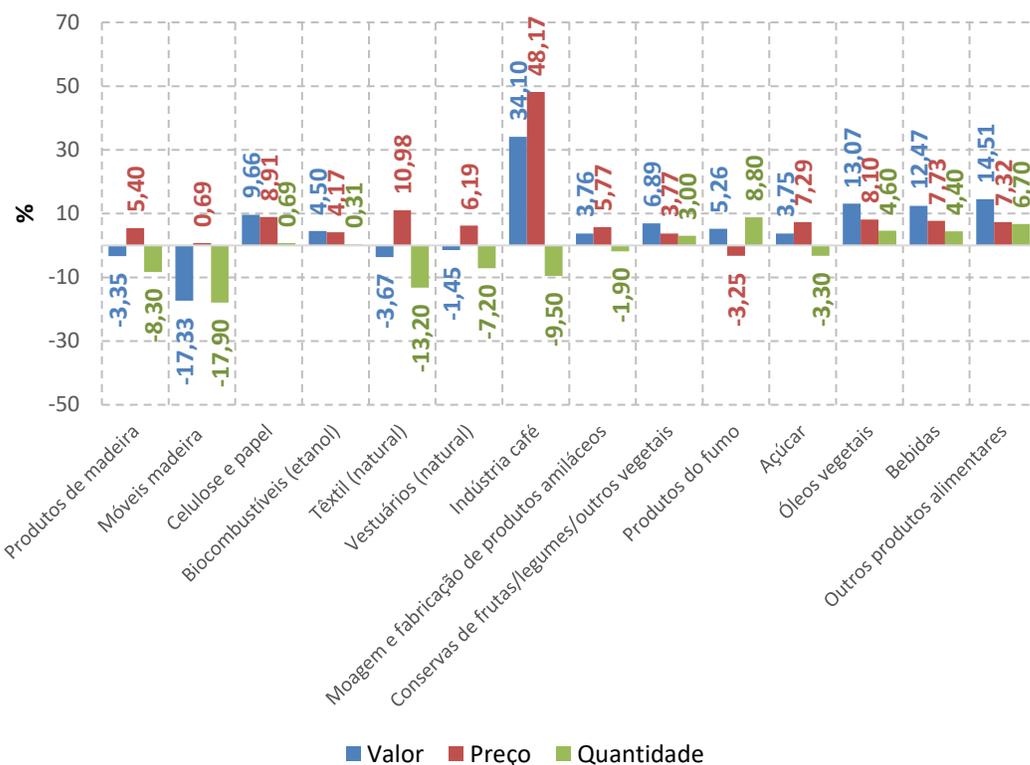
maiores preços das matérias-primas agropecuárias, outros custos também se elevaram, como os de energia e logísticos. Por sua vez, a ainda enfraquecida demanda doméstica dificulta o repasse desses custos ao consumidor.

Especificamente, para a agroindústria de base agrícola, o faturamento anual deve crescer 7,95%, com preços 7,57% maiores e aumento de apenas 0,35% da produção. Para a indústria de base pecuária, o faturamento deve aumentar 3,06%, puxado por uma produção 2,53% maior, tendo em vista que os preços subiram apenas 0,51% frente a 2021 (consideradas informações até setembro).

No acompanhamento feito pelo Cepea para a evolução do PIB, as indústrias de base agrícola para as quais se espera crescimento do faturamento em 2022 são: bebidas, indústria do café, outros produtos alimentares, açúcar, biocombustíveis, celulose e papel, conservas de frutas, legumes e outros vegetais, moagem e fabricação de produtos amiláceos, óleos vegetais e produtos do fumo. Já para as indústrias de produtos e móveis de madeira e de têxteis e vestuários espera-se queda do faturamento (Figura 4).

Com relação à produção de biocombustíveis, o aumento de faturamento esperado, de 4,50%, é devido aos preços reais 4,17% maiores, na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e 2022, e ao ligeiro aumento esperado de 0,31% na produção anual. Segundo a Conab, a tendência era que o mix continuasse predominantemente alcooleiro, com uma maior produção de etanol proveniente da cana-de-açúcar, haja vista as boas receitas financeiras, por causa da valorização do biocombustível. Entretanto, considerando que a redução na alíquota de impostos sobre a gasolina diminuirá a competitividade dos preços do etanol, há expectativa de aumento no mix de produção em favor do açúcar pelas usinas de São Paulo. De acordo com a equipe Etanol/Cepea, de modo geral, no primeiro semestre de 2022, os preços médios mensais operaram acima dos verificados no mesmo período de 2021, contexto que foi influenciado pela demanda, pelo atraso no início da moagem da cana-de-açúcar da safra 2022/23 e pela menor oferta. A partir de maio, especificamente, houve um movimento de enfraquecimento nos preços, o que esteve atrelado à perda de competitividade do hidratado frente à gasolina no varejo. No terceiro trimestre do ano, houve recuo das cotações em função dos movimentos pontuais dos agentes do mercado e de algumas incertezas quanto à questão tributária que foram definidas ao longo do período.

Figura 4. Agroindústrias de base agrícola: variação anual do volume, preços reais e faturamento das indústrias agrícolas acompanhadas



Fontes: Cepea/USP e CNA (a partir de dados do IBGE e Conab)

No caso do açúcar, a expansão esperada de 3,75% no faturamento anual é resultado dos preços 7,29% maiores, na comparação entre períodos iguais, contrapondo-se à queda de 3,30% da produção esperada. Na atual safra, como pontuado, apesar de expectativas de mudanças devidas às questões tributárias, o mix de produção continua favorecendo o etanol, em detrimento do açúcar. No que se refere aos preços, a equipe Açúcar/Cepea aponta que, após uma tendência de alta no segundo semestre de 2021, esses caíram no primeiro mês da entressafra 2021/22, influenciados pela demanda doméstica desaquecida. Em fevereiro, a apreciação do Real frente ao dólar e a valorização do petróleo deram suporte aos preços do açúcar, enquanto em março houve novo recuo. No segundo trimestre do ano, as cotações foram pressionadas pelo aumento da oferta do adoçante e, no terceiro trimestre, novas quedas refletiram o recuo da demanda e a expectativa de aumento no mix de produção para o açúcar pelas usinas de São Paulo.

Para a indústria de óleos vegetais, a expansão do faturamento esperada (13,07%) reflete os aumentos nos preços reais (8,10%), na comparação entre janeiro a setembro de 2021 e de 2022, e na produção esperada (4,60%). De acordo com a equipe Soja/Cepea, o significativo aumento da demanda mundial por óleo de soja levou os preços do derivado a patamares recordes no Brasil e nos Estados Unidos no primeiro trimestre do ano. A redução das exportações de óleo de girassol por parte da Ucrânia (devido ao conflito com a Rússia), a escassez de óleo de palma da Indonésia e a valorização do petróleo (aumenta o interesse por biodiesel) aqueceram a procura por óleo de soja. No segundo trimestre de 2022, a menor demanda por óleo de soja para produção de biodiesel pressionou as cotações no decorrer de

abril. Em maio, as cotações foram impulsionadas pela baixa oferta e pela firme demanda, sobretudo externa. Preocupações com a possível menor oferta de óleo de palma na Ásia, a valorização do petróleo e a firme demanda mundial por óleo de soja impulsionaram as cotações do derivado no Brasil e nos Estados Unidos, que operaram em patamares recordes em maio. Em junho, o óleo se desvalorizou, influenciado pelas retrações nos preços do óleo de palma e do petróleo no mercado externo, além da menor demanda para produção de biodiesel no Brasil. No terceiro trimestre do ano, as cotações registraram queda novamente. O movimento baixista se deveu à desvalorização do petróleo, ao avanço do acordo entre Rússia e Ucrânia para liberação de parte dos produtos em armazéns ucranianos pelo Mar Negro, às estimativas de menor demanda externa e interna (sobretudo para biodiesel) e à desvalorização do Real frete ao dólar.

Para as indústrias têxtil e de vestuário, as quedas esperadas no faturamento (-3,67% e -1,45%, respectivamente) refletem especialmente a menor produção esperada para o ano. De modo geral, o desempenho dessas indústrias tende a ser diretamente influenciado pelas perspectivas da economia brasileira, que está em um contexto de baixo crescimento, denotado pelas condições financeiras mais restritivas, pelo consumo prejudicado pelo atual processo inflacionário e pela geração de empregos mais lenta – apesar da redução da taxa de desemprego divulgada recentemente pelo IBGE. Ademais, para além dos impactos sentidos pelo lado da demanda, pelo lado da oferta, as indústrias têm sofrido pressões de custo.

Em relação às agroindústrias de base pecuária, conforme exhibe a Tabela 4, espera-se sutil crescimento do faturamento anual das indústrias de abate e preparação de carnes e pescados e avanço mais expressivo da de laticínios. Para a indústria de couro e calçados, por sua vez, a projeção indica redução do seu faturamento.

Tabela 4. Agroindústrias de base pecuária: variação anual do volume, preços reais e faturamento das indústrias pecuárias acompanhadas

	Couro e calçados	Abate e preparação carnes e pescado	Laticínios
Valor	-1,72	0,91	14,46
Preço	-0,39	-3,44	21,12
Quantidade	-1,88	4,43	-5,50

Na indústria de abate e preparação de carnes e pescado, a projeção indica sutil crescimento de 0,91% do faturamento anual, resultando do aumento de 4,43% da produção anual esperada, uma vez que houve queda de 3,44% dos preços reais na comparação entre períodos iguais. Em relação à carne bovina, a desaceleração da demanda interna tem pressionado os preços da carcaça. Como resposta ao alto patamar de preços em oposição ao enfraquecimento do poder de compra, os consumidores recorrem às alternativas mais baratas, como a carne suína e avícola. Em relação à carne suína, a queda dos preços é atribuída ao aumento da oferta da carne no mercado doméstico, enfraquecimento da demanda doméstica e à desaceleração do ritmo de embarques no *front* externo. Já em relação à carne avícola, o preço médio tem se mantido estável ao longo do último trimestre, embora, em relação ao mesmo período de 2021, apresente queda.

Para a indústria de laticínios, a projeção indica crescimento de 14,46% do faturamento anual da atividade, como resultado do avanço dos preços reais, que aumentaram 21,12% na comparação entre períodos iguais. Por sua vez, espera-se redução de 5,5% da produção anual. De acordo com a equipe Leite/Cepea, os estoques enxutos até julho impulsionaram os preços dos derivados lácteos de maneira expressiva ao longo do período. Com isso, o consumo de derivados apresentou redução importante, sobretudo a partir de agosto e, conseqüentemente, os preços dos lácteos passaram a se desvalorizar desde então. Adicionalmente, o aumento das importações de derivados e a recuperação da produção nacional têm elevado o volume de oferta doméstica e, com isso, vão se formando estoques e pressionando ainda mais os preços.

SEGMENTO DE SERVIÇOS: PIB dos agrosserviços reduz na parcial do ano

O PIB dos agrosserviços do agronegócio brasileiro reduziu 2,27% no terceiro trimestre e, com isso, acumulou queda de 5,17% nos nove primeiros meses de 2022. No ramo agrícola, o PIB recuou no trimestre (3,15%) e no período (5,79%). No ramo pecuário, houve alguma reação do PIB no terceiro trimestre (+0,39%), puxada pelos bons resultados a montante; mas, ainda assim, no acumulado do ano o PIB dos serviços pecuários reduziu 3,32% (Tabelas 1 e 2).

Esse desempenho baixista dos agrosserviços reflete os resultados a montante nas cadeias, seja em termos de volume de produção – menor produção de diversos produtos agropecuários e agroindustriais, como soja, cana, arroz, leite e derivados lácteos, suínos, móveis, têxteis e vestuários, entre outros – ou em termos de margens, tendo em vista os avanços dos custos verificados em diversos segmentos, como discutido ao longo desse relatório. Esse contexto implica uma menor demanda por serviços como comércio, transporte e armazenagem e outros, como serviços financeiros, de comunicação, jurídicos, contábeis etc.

CONCLUSÕES

O PIB do agronegócio alcançou recordes sucessivos em 2020 e em 2021, com esse biênio se caracterizando como um dos melhores da história recente do agronegócio brasileiro. Já em 2022, o PIB do setor teve recuos sucessivos ao longo dos três primeiros trimestres do ano e, com isso, reduziu 4,28% no acumulado de janeiro a setembro. Como discutido nos relatórios anteriores, o principal fundamento para esse cenário é a forte alta dos custos com insumos no setor, tanto na agropecuária quanto nas agroindústrias, que tem corroído o PIB ao longo das cadeias.

Considerando-se os desempenhos parciais da economia brasileira e do agronegócio, estima-se que a participação do setor no total fique em por volta de 25% em 2022, pouco abaixo dos 27% registrados em 2021 – isso porque, a queda este ano se verifica frente ao patamar recorde de PIB alcançado em 2021. Especificamente, o PIB no acumulado de janeiro a setembro apresentou queda importante no ramo agrícola (5,69%) e modesta redução no ramo pecuário (0,24%). Já pela perspectiva dos segmentos, apenas o PIB dos insumos cresceu no período (25,33%), com reduções acumuladas nos segmentos primário (11,93%), agroindustrial (0,79%) e de agrosserviços (5,17%).

O resultado negativo do PIB do ramo agrícola decorreu especialmente da forte alta dos custos com insumos para a produção agrícola (dentro da porteira), como fertilizantes,

defensivos, combustíveis, sementes e outros. Esse avanço dos custos está superando em grande medida o crescimento estimado do faturamento: considerando-se a média ponderada das diversas culturas acompanhadas, espera-se aumento real de 9,52% do faturamento anual agrícola; já para o custo com insumos, estima-se aumento expressivo de 53,3%. Ademais, o PIB agrícola também segue pressionado pela redução da produção em culturas importantes, especialmente soja e cana-de-açúcar. Além dessas duas atividades, que detêm peso expressivo no PIB, estima-se menor produção no ano para o arroz, a batata, o fumo, a mandioca, o tomate, a uva e a madeira em tora.

No caso da agroindústria de base vegetal, a modesta queda do PIB no período também reflete o avanço dos custos (das matérias-primas agrícolas e de outros custos industriais) de forma mais intensa que o avanço do valor da produção. Além disso, o PIB agroindustrial também tem sido pressionado negativamente pela redução da produção (frente à do ano passado) em setores relevantes – como as indústrias de base florestal (produtos de madeira, móveis de madeira e papel), têxtil-vestuarista e açucareira.

Por sua vez, esse estreitamento das margens nos segmentos a montante, aliado às menores produções em setores agrícolas e industriais relevantes, explica a queda do PIB dos agrosserviços do ramo da agricultura de janeiro a setembro. Ainda nesse ramo, apenas para o PIB houve alta, um reflexo dos aumentos dos preços dos insumos agrícolas, conforme já mencionado.

No ramo pecuário, houve reduções do PIB para todos os segmentos, exceto o primário, no acumulado de janeiro a setembro. No segmento primário pecuário, a alta decorreu de algum aumento do valor bruto da produção (produção maior e preços levemente maiores frente a 2021), somado à redução dos custos com insumos; nesse último caso, em relação ao patamar expressivamente elevado alcançado em 2021. A redução de preços de rações e medicamentos, ao passo que tem favorecido o PIB primário pecuário, também explica a queda do PIB do segmento de insumos do ramo.

A retração do PIB da agroindústria da pecuária, por sua vez, reflete o aumento dos custos industriais a taxas superiores às do crescimento esperado para o faturamento, o que deve decorrer de uma demanda por proteínas ainda enfraquecida no Brasil, o que dificulta o repasse pela indústria desse aumento dos custos. As quedas na agroindústria e nos insumos, por sua vez, pressionaram também o PIB dos agrosserviços do ramo pecuário.

ANEXO I – EVOLUÇÃO MENSAL DO PIB DO AGRONEGÓCIO

A1) PIB DO AGRONEGÓCIO: TAXAS DE VARIAÇÃO MENSAL E ACUMULADO DO PERÍODO (EM %)

AGRONEGÓCIO						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
set/21	2,96	-1,17	-1,36	-1,38	-1,14	
out/21	4,43	-1,76	-0,03	-0,77	-0,68	
nov/21	4,28	-3,16	-0,75	-1,79	-1,68	
dez/21	3,60	1,38	0,31	0,48	0,84	
jan/22	3,97	-1,85	0,32	-0,47	-0,33	
fev/22	2,76	-0,24	-0,16	-0,35	-0,09	
mar/22	4,18	-0,20	-0,08	-0,18	0,14	
abr/22	4,60	-3,08	0,27	-0,43	-0,61	
mai/22	3,23	-2,10	-0,07	-0,76	-0,68	
jun/22	1,47	-1,33	-0,26	-0,81	-0,70	
jul/22	-0,42	-1,84	0,04	-0,65	-0,84	
ago/22	1,66	-1,24	-0,48	-1,14	-0,84	
set/22	1,52	-0,71	-0,36	-0,50	-0,41	
Acumulado (jan-set)	21,94	-8,51	0,01	-2,97	-2,25	

RAMO AGRÍCOLA						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
set/21	3,64	-0,66	-1,03	-0,67	-0,61	
out/21	5,89	-1,47	0,54	0,01	-0,05	
nov/21	6,03	-3,81	-0,08	-0,99	-1,24	
dez/21	5,68	1,45	0,59	0,90	1,19	
jan/22	5,43	-3,26	0,70	-0,09	-0,20	
fev/22	3,84	-0,26	-0,08	-0,30	-0,03	
mar/22	5,67	-0,65	-0,21	-0,40	0,01	
abr/22	6,17	-4,57	0,53	-0,25	-0,58	
mai/22	4,39	-3,80	0,01	-0,86	-0,95	
jun/22	2,19	-1,85	-0,23	-0,85	-0,79	
jul/22	0,13	-3,14	-0,11	-1,14	-1,34	
ago/22	2,59	-2,65	-0,24	-0,97	-0,97	
set/22	2,37	-1,89	-0,66	-1,08	-0,98	
Acumulado (jan-set)	31,03	-13,62	0,71	-2,72	-2,52	

RAMO PECUÁRIO						
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total	
set/21	1,64	-2,25	-2,55	-3,11	-2,52	
out/21	1,53	-2,32	-2,21	-2,71	-2,31	
nov/21	0,63	-1,52	-3,32	-3,81	-2,75	
dez/21	-0,91	1,29	-0,65	-0,40	-0,01	
jan/22	-0,69	0,71	-1,50	-1,72	-0,71	
fev/22	-0,32	0,09	-0,44	-0,45	-0,27	
mar/22	-0,61	0,77	0,58	0,54	0,54	
abr/22	-0,56	-0,25	-0,89	-0,99	-0,69	
mai/22	-0,18	1,02	-0,43	-0,43	0,11	
jun/22	-0,14	-0,20	-0,38	-0,68	-0,43	
jul/22	-1,47	0,59	0,76	0,82	0,57	
ago/22	-0,90	1,37	-1,57	-1,64	-0,49	
set/22	-0,76	1,51	0,99	1,23	1,16	
Acumulado (jan-set)	-2,48	2,16	-3,02	-3,70	-1,45	

FONTE: CEPEA/USP E CNA

A2) PIB DO AGRONEGÓCIO: PARTICIPAÇÕES DOS SEGMENTOS (EM %)

AGRONEGÓCIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/21	5,3%	30,5%	21,8%	42,4%	100,0%
out/21	5,5%	29,7%	22,2%	42,6%	100,0%
nov/21	5,7%	28,9%	22,6%	42,8%	100,0%
dez/21	5,7%	28,9%	22,6%	42,9%	100,0%
jan/22	9,4%	24,0%	24,4%	42,1%	100,0%
fev/22	8,7%	26,1%	23,4%	41,9%	100,0%
mar/22	8,8%	26,6%	22,9%	41,7%	100,0%
abr/22	9,2%	25,2%	23,4%	42,2%	100,0%
mai/22	9,2%	25,0%	23,6%	42,2%	100,0%
jun/22	8,8%	25,3%	23,6%	42,2%	100,0%
jul/22	8,4%	25,3%	23,9%	42,5%	100,0%
ago/22	8,3%	25,6%	23,8%	42,3%	100,0%
set/22	8,1%	25,8%	23,7%	42,3%	100,0%

RAMO AGRÍCOLA					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/21	4,7%	29,0%	23,6%	42,7%	100,0%
out/21	5,0%	28,1%	24,0%	42,9%	100,0%
nov/21	5,2%	27,1%	24,6%	43,1%	100,0%
dez/21	5,3%	27,0%	24,6%	43,1%	100,0%
jan/22	10,3%	18,6%	27,4%	43,7%	100,0%
fev/22	9,3%	22,1%	25,9%	42,7%	100,0%
mar/22	9,6%	23,0%	25,2%	42,2%	100,0%
abr/22	10,1%	21,1%	25,9%	42,8%	100,0%
mai/22	10,1%	20,7%	26,2%	43,0%	100,0%
jun/22	9,6%	21,2%	26,2%	42,9%	100,0%
jul/22	9,1%	21,2%	26,6%	43,1%	100,0%
ago/22	9,0%	21,3%	26,6%	43,1%	100,0%
set/22	8,8%	21,6%	26,5%	43,1%	100,0%

RAMO PECUÁRIO					
Mês	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
set/21	7,0%	34,9%	16,5%	41,5%	100,0%
out/21	7,0%	34,4%	16,7%	41,9%	100,0%
nov/21	7,0%	34,4%	16,8%	41,9%	100,0%
dez/21	6,7%	34,4%	16,8%	42,1%	100,0%
jan/22	6,7%	40,8%	15,2%	37,3%	100,0%
fev/22	6,6%	38,3%	15,8%	39,2%	100,0%
mar/22	6,4%	37,3%	16,2%	40,2%	100,0%
abr/22	6,5%	37,1%	16,2%	40,3%	100,0%
mai/22	6,4%	37,3%	16,1%	40,1%	100,0%
jun/22	6,5%	37,0%	16,2%	40,2%	100,0%
jul/22	6,3%	36,6%	16,4%	40,7%	100,0%
ago/22	6,3%	37,4%	16,2%	40,2%	100,0%
set/22	6,2%	37,2%	16,2%	40,4%	100,0%

FONTE: CEPEA/USP, CNA E FEALQ

A3) PIB VOLUME DO AGRONEGÓCIO: TAXA ANUAL (EM %)*

PIB Volume do Agronegócio					
	Insumos	Primário	Indústria	Agrosserviços	Total
Agronegócio	2,41	-1,21	1,48	1,53	0,78
Ramo Agrícola	4,20	-2,44	0,17	-0,44	-0,58
Ramo Pecuário	-1,75	1,57	7,05	7,41	4,73

Fontes: Cepea/USP e CNA. *dados de junho

- Nota técnica: O PIB Volume do Agronegócio trata-se do PIB do agronegócio calculado pelo critério de preços constantes. Resulta, portanto, a variação apenas do volume

de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

A4) PIB DO AGRONEGÓCIO - METODOLOGIA

O Relatório PIB do Agronegócio Brasileiro é uma publicação mensal resultante da parceria entre o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA), da Esalq/USP, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e a Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz (FEALQ). O agronegócio é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica (ou primária), agroindústria (processamento) e agrosserviços – como na Figura que segue. A análise desse conjunto de segmentos é feita para o ramo agrícola (vegetal) e para o pecuário (animal). Ao serem somados, com as devidas ponderações, obtém-se a análise do agronegócio.



Pelo critério metodológico do Cepea/Esalq-USP, o PIB do agronegócio é medido pela ótica do produto, ou seja, pelo Valor Adicionado (VA) total deste setor na economia. Ademais, avalia-se o VA a preços de mercado (consideram-se os impostos indiretos menos subsídios relacionados aos produtos). O PIB do agronegócio brasileiro refere-se, portanto, ao produto gerado de forma sistêmica na produção de insumos para a agropecuária, na produção primária e se estendendo por todas as demais atividades que processam e distribuem o produto ao destino final. A renda, por sua vez, se destina à remuneração dos fatores de produção (terra, capital e trabalho).

Após estimado o valor do PIB do agronegócio no ano-base, que desde janeiro/17 refere-se ao ano de 2010, parte-se para evolução deste valor de modo a se gerar uma série histórica, por meio de um amplo conjunto de indicadores de preços e produção de instituições de pesquisa e governamentais. Seja para a estimação anual do valor do PIB, ou para as reestimativas mensais das previsões anuais, consideram-se informações a respeito da evolução do Valor Bruto da Produção (VBP) e do Consumo Intermediário (CI) dos segmentos do agronegócio. Pela evolução conjunta do VBP e do CI, estima-se o crescimento do valor adicionado pelo setor.

Com base nos procedimentos mencionados e processos adicionais realizados pelo Cepea, os cálculos do PIB do agronegócio resultam em dois indicadores principais, que tratam o comportamento do setor por diferentes óticas:

- **PIB-renda Agronegócio** (equivale ao PIB divulgado anteriormente pelo Cepea): reflete a renda real do setor, sendo consideradas no cálculo variações de volume e de preços reais, sendo estes deflacionados pelo deflator implícito do PIB nacional.

- **PIB-volume Agronegócio:** PIB do agronegócio pelo critério de preços constantes. Resulta daí a variação apenas do volume de produção. Este é o indicador de PIB comparável às variações apresentadas pelo IBGE.

Mensalmente, o foco de análise principal é o **PIB-renda Agronegócio**, que reflete a renda real do setor. **Por conveniência textual, o PIB-renda do agronegócio é denominado apenas como PIB do Agronegócio ao longo deste relatório.** Destaca-se que as taxas calculadas para cada período consideram igual período do ano anterior como base, exceto para as quantidades referentes às safras agrícolas, para as quais computa-se a previsão de safra para o ano (frente ao ano anterior).

Importante também destacar que cada relatório considera os dados disponíveis – preços observados e estimativas anuais de produção – até o seu fechamento. Em edições futuras, ao serem agregadas informações mais atualizadas, há a possibilidade, portanto, de ocorrer alteração dos resultados, tanto no que se refere ao mês corrente, como também ao que se refere a meses e anos passados. **Recomenda-se, portanto, sempre o uso do relatório mais atualizado.** Para uma análise mais detalhada dos aspectos metodológicos, bem como dos resultados dos demais indicadores (PIB volume, Consumo Intermediário, etc.) ver <http://www.cepea.esalq.usp.br/br/pib-do-agronegocio-brasileiro.aspx>

Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil - CNA:

Bruno Barcelos Lucchi - Diretor Técnico
Maciel Silva - Diretor Técnico Adjunto

Núcleo Econômico

Renato Conchon - Coordenador
Elisângela Pereira Lopes - Assessora Técnica
Guilherme Costa Rios - Assessor Técnico
Gustavo Vaz da Costa - Assessor Técnico
Isabel Mendes de Faria - Assessora Técnica

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - CEPEA:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Ph.D - Coordenador

Pesquisadores Macroeconomia:

Nicole Rennó Castro, Dra.
Gabriel Costeira Machado, Dr.
Felipe Miranda de Souza Almeida, Me.
Adriana Ferreira Silva, Dra.
Arlei Luiz Fachinello, Dr.